DESENVOLVIMENTO DE ATRAÇÕES TURÍSTICAS: UMA ANÁLISE DO ESPIGÃO COSTEIRO EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO, BRASIL

DEVELOPMENT OF TOURIST ATTRACTIONS: ANALYSIS OF THE BREAKWATER IN SÃO LUÍS, MARANHÃO, BRASIL

DESARROLLO DE ATRACCIONES TURÍSTICAS: ANÁLISIS DEL ESPIGÓN DE SÃO LUÍS, MARANHÃO, BRASIL

Eriberto do Nascimento Sousa

Luiz Gonzaga Godoi Trigo

Ruan Tavares Ribeiro

RESUMO: Neste artigo, propõe-se uma análise do desenvolvimento do espigão costeiro enquanto atração turística de São Luís. A pesquisa se apoia em fontes bibliográficas, com leitura qualitativa de textos. Selecionou-se o jornal O Estado do Maranhão, em sua versão *online*, para o acesso a matérias sobre o objeto de estudo. Verificou-se, basicamente, a existência de dois momentos na construção do espigão. De início, a obra surge com o propósito de conter a erosão e aprimorar a navegabilidade de áreas próximas, mas ao perceber que o local poderia se tornar uma opção de lazer para a cidade, o governo provocou no imaginário dos moradores e do *trade* turístico a ideia de que o espigão se tornaria o mais novo "ponto turístico" da capital. Assim, a partir do incremento do objetivo de revitalização para usos do lazer e do turismo, a área vem sendo reconhecida pela mídia, população e agências de turismo receptivo como uma atração.

Palavras-chave: Atração Turística; Espigão Costeiro; Lazer e Turismo; São Luís.

ABSTRACT: In this paper, we intend to analyze the development of the coastal breakwater as a tourist attraction in São Luís. Our research is based on bibliographical sources, and qualitative reading of texts. We selected the online version of the newspaper "O Estado do Maranhão", to access articles on our object of study. We found two stages in the construction of the breakwater. At first, the work arises in order to both stop the erosion and improve the navigability of nearby areas, but by realizing that the site could become a new option for leisure in the city, the government provoked the imagination of the locals and the tourism trade with the idea that the breakwater would become the newest "tourist spot" in the capital, so by adding the revitalization goal for leisure and tourism uses, the area has been recognized by the media, population and receptive tourism agencies as an attraction.

Keywords: Tourist Attraction; Breakwater; Leisure and Tourism; São Luís.

RESUMEN: En este trabajo, proponemos un análisis del desarrollo del espigón como una atracción turística de São Luís. Apoyamos nuestra investigación en fuentes bibliográficas, con una lectura cualitativa de los textos. Elegimos el periódico "O Estado do Maranhão" en su versión en línea, para acceder a los artículos acerca de nuestro objeto de estudio. Encontramos la existencia de dos etapas en la construcción del espigón. En un primer momento, se plantea el trabajo con el fin de frenar la erosión y mejorar la navegabilidad de las áreas cercanas, pero al darse cuenta de que el sitio podría tornarse una nueva opción de ocio en la ciudad, el gobierno trajo en el imaginario de la gente y del mercado turístico local la idea de que el espigón se convertiría en el más reciente "lugar turístico" de

la capital. Así, con la inclusión de la meta de revitalización para usos de ocio y turismo, el área ha sido reconocida por la media, la población y las agencias de turismo receptivo como una atracción.

Palabras-clave: Atracción Turística; Espigón; Ocio y Turismo; São Luís.

1 INTRODUÇÃO

A afirmação de que “atualmente, há cada vez menos territórios sem turistas” (TELES, 2006, p. 45) faz com que se reflita sobre a urgência das transformações ocasionadas pelo turismo no espaço e no tempo de qualquer localidade. Mas “nem tudo tem o mesmo poder de atração”, como já nos ensinara Chias (2007, p. 63).

Os visitantes geralmente são motivados por algo que os atrai. São Luís do Maranhão, por exemplo, é Patrimônio Cultural da Humanidade e recebe muitos visitantes interessados em seus aspectos históricos e culturais. Somado a isso, por estar localizada na Ilha de Upaon-Açu, a cidade abunda em dunas, praias, manguezais.

No ano de 2014, com a revitalização e urbanização de uma área da capital, chamada Península da Ponta d’Areia, o espigão costeiro (único, até o momento) se tornou um espaço de lazer e turismo frequentado pelos moradores e turistas.

Um espigão (Brasil) ou esporão (Portugal), também conhecido como quebra-mar, é uma

> estrutura rígida de engenharia costeira, disposta transversalmente ao desenvolvimento da linha de costa, e que normalmente é utilizada na proteção contra a erosão costeira. A função principal é a de reter, pelo menos parcialmente, a deriva litoral, minimizando os problemas de erosão costeira a barlamar da estrutura (DIAS, s.d).

Sabe-se que o objetivo da construção dessa obra fora conter a erosão de parte do bairro da Ponta d’Areia e o assoreamento de dois rios próximos. Mas em poucos anos, ainda durante a sua implementação, ela se transformou em algo antes inesperado. Por isso, este artigo surge com a proposta de analisar o processo de desenvolvimento do espigão enquanto atrativo turístico de São Luís. O mais novo atrativo, por sinal.

Não é intenção, desse, transformar o trabalho em uma simples descrição do processo de construção do espigão, como as fases do “antes, durante e depois”. Pretende-se dar luz a um entendimento por meio de reflexões teóricas acerca de conceitos, classificações e desenvolvimento de atrações. Esse diálogo é importante para que se possa enxergar a força do turismo na dinâmica da sociedade.

2 ATRAÇÕES TURÍSTICAS: CONCEITOS, CLASSIFICAÇÕES E DESENVOLVIMENTO

É difícil definir atrações turísticas de tal forma que abarque a sua multiplicidade, e isso tem provocado diversos debates em busca de uma definição (LOHMANN e PANOSSO NETTO, 2012), o que tem resultado em visões distintas ao redor do mundo (LEASK, 2008). Essa multiplicidade e dificuldade engloba a ideia de que “os atrativos são numerosos, diversos, fragmentados geograficamente e muitas vezes dispõem de recursos limitados para fins de gestão” (COOPER *et al*., 2007, p. 345).

Entretanto, há um reconhecimento geral da importância dos atrativos para um destino turístico, pois como afirmam Cooper *et al*. (2007), eles são a principal razão para o que Camargo (2010, p. 26) chama de “atividades turísticas de lazer”, ou seja, é “a mudança de paisagem, ritmo e estilos de vida”.

De uma forma abrangente, Wanhill (2008, p. 16, tradução nossa) conceitua uma atração turística como “um foco para a realização de atividades de recreação e, cada vez mais, de educação, frequentada por visitantes que permanecem um ou mais dias no destino, e é frequentemente compartilhada com a população residente”.

Os atrativos turísticos são, para Beni (2001, p. 297), “todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los”. Leask (2008) enxerga que atrair visitantes é o nível mais básico em que funcionam as atrações. Segundo a autora, em um sentido muito mais amplo, elas operam “como agentes de mudança, facilitadores sociais e importantes geradores de renda” (LEASK, 2008, p. 3, tradução nossa).

Leask (2008) discorre também sobre o propósito e os papéis das atrações de visitação, dentre os quais pontuamos:

a) Mesmo sendo apenas um elemento do produto turístico, elas podem ser utilizadas em muitos casos na promoção do destino no qual se insere;
b) Podem atrair negócios para o local e, ainda, despertar em turistas de negócios a vontade de retornar ao destino, só que motivados pelas possibilidades do lazer;
c) Ajudam a revitalizar uma área ou um destino, tal qual o caso de Guggenheim em Bilbao, Espanha;
d) As visões de turistas e moradores devem ser levadas em consideração, sobretudo as necessidades da população local, pois é fundamental que haja inclusão social. Consequentemente, isso poderá contribuir para o sucesso da atração.

A importância de algumas atrações é rapidamente percebida pelas pessoas quando se tornam ícones de destinos, como é o caso da Opera House, em Sydney; a Estátua da Liberdade, em Nova York; e o Coliseu, em Roma (LOHMANN e PANOSSO NETTO, 2012). Cooper *et al.* (2007) as denominam “atrações símbolo” e ressaltam a sua força para a atração de visitantes e fortalecimento das atividades turísticas de um destino. Com a globalização das cidades e a pasteurização dos aeroportos, esses espaços são fundamentais para o turista ter “a sensação de realmente estar em um lugar único” (LOHMANN e PANOSSO NETTO, 2012, p. 397).

Alguns autores lançaram classificações para os atrativos turísticos. Na proposta de Swarbrooke (1995 *apud* SANCHO, 2001), há quatro divisões:

a) Atrativos naturais: praias, grutas, rios, lagos, bosques, flora, fauna etc.;
b) Atrativos criados pelo homem não planejados com a intenção de atrair visitantes: catedrais, igrejas, casas históricas, monumentos, jardins históricos etc.;
c) Atrações criadas pelo homem e planejadas com a intenção de atrair visitantes: parque de diversões, parques temáticos, museus, centros de exibições, cassinos, centros de lazer, balneários, lugares para piquenique etc.;

d) Eventos especiais: festivais de arte, encontro esportivos, mercados e feiras, folclore, aniversários históricos e eventos religiosos.

Encontra-se em Beni (2001) uma divisão com mais exemplos:

a) Naturais: relevo montanhoso, planaltos e planícies, litoral ou costa, terras insulares, hidrografia, pântanos, quedas d'água, fontes hidrominerais ou hidrotermais, parques, reservas de flora e fauna, grutas/cavernas e áreas de caça e pesca;
b) Histórico-culturais: monumentos, sítios (históricos e científicos), instituições culturais de estudo, pesquisa e lazer (bibliotecas, arquivos etc.);
c) Manifestações e usos tradicionais populares: festas, comemorações e atividades, gastronomia típica, artesanato e feiras e mercados;
d) Realizações técnicas e científicas contemporâneas: exploração de minério, exploração agrícola e/ou pastoril, exploração industrial, obras de arte e técnica, centros científicos e técnicos;
e) Acontecimentos programados: congressos e convenções, feiras e exposições, competições desportivas e outras realizações que possam convergir com o interesse turístico.

Lohmann e Panosso Netto (2012), citando Lew (2000), Page (2003) e Leask (2005), agrupam as categorias de uma forma mais detalhada, sendo elas: naturais ou construídas; nodal ou linear (relacionadas aos padrões espaciais); permanentes ou temporárias; categorias cognitivas (ou categoria perceptual); pública, privada ou voluntária (relacionada à organização responsável pela administração da atração); e gratuitas ou pagas.

As atrações turísticas se desenvolvem, segundo Wanhill (2008), diante de uma perspectiva da demanda, cujas características são: mercado (*market*), localização (*location*) e imaginário (*imagescape*). O desenvolvimento de cada lugar pode obedecer a uma das três sequências distintas, quais sejam: lógica comercial (*commercial logic*), regeneração (*regeneration*) ou desenvolvimentos industriais (*industrial developments*).

A lógica comercial parte da sequência mercado → imaginário → localização. Lohmann e Panosso Netto (2012) contextualizam a explicação do autor por meio de um caso mundialmente conhecido, qual seja, a Disneylândia. O mercado alvo é formado por quem está familiarizado com os desenhos e filmes da Disney. Então, interagir com os famosos personagens na terra deles é o imaginário criado. A construção do "Mundo da Disney" em um espaço físico é o momento em que se consolida a atração turística, pois a localização agora é real.

Diferentemente do anterior, o modelo da regeneração segue um caminho reverso, que se dá através da localização → imaginário → mercado. Há intervenção do poder público para converter o local em uma atração que, possivelmente, atenderá aos residentes e turistas. Geralmente, isso acontece em prédios industriais antigos, centros comerciais em desuso, estações ferroviárias e docas. Via de regra, são lugares abandonados, degradados ou em desuso. O turismo emerge como uma possibilidade de reerguer ou dar outra vida ao local. Entre os exemplos colocados pelo autor, citam-se Darling Harbour (www.darlingharbour.com), que abriga um grande centro cultural e de entretenimento em Sydney e o West Edmonton Mall (www.wem.ca/play), o maior shopping center do Canadá.

A regeneração acontece, então, por meio de um imaginário criado sobre um local já existente, com o intuito de atrair uma demanda de visitantes. Além dos órgãos públicos, a iniciativa privada pode se inserir em algumas situações também.

A outra sequência visualizada por Wanhill (2008) é a dos desenvolvimentos industriais, cuja tendência segue a localização → mercado → imaginário. O local é predeterminado e o mercado consumidor também já existe, o que resta é provocar no imaginário das pessoas a possibilidade de sua transformação em atrativo. A destilaria de whisky Glenturret Whisky, na Escócia, é um caso em que já se encontra a fábrica com a produção, há um público consumidor dos produtos da marca, e através do imaginário de se visitar o local, para degustar e conhecer o processo de produção, tem-se o surgimento de uma nova atração turística.

De uma forma geral, independentemente da lógica ocorrida no desenvolvimento dos atrativos, esses espaços são importantes para a prática de atividades e também serão alguns sinais visíveis do consumo e da experiência dos visitantes. "De uma perspectiva sociológica, as atrações turísticas são consumidas

através da prática do *sightseeing*", e essa é condicional para a existência das atrações de visitantes (WANHILL, 2008, p. 16). Por isso, Yázigi (2002) observa que o turismo se apropria do e consome o espaço.

3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Essa pesquisa se apoia em fontes bibliográficas (MARCONI e LAKATOS, 2011), por meio de publicações (livros e dissertação de mestrado) e da imprensa escrita (versão *online*), com uma leitura qualitativa de textos (VEAL, 2011).

Inicialmente, partiu-se de reflexões teóricas que não excluem uma a outra, mas se assemelham ou se complementam.

Em busca da linearidade dos fatos, entendeu-se que os jornais locais proporcionariam as fontes de dados para análise da configuração do espigão costeiro como uma atração turística de São Luís.

Devido a sua grande circulação no Maranhão e na capital do estado, selecionou-se o jornal O Estado do Maranhão, em sua versão *online* (http://imirante.globo.com/oestadoma/), para o acesso a matérias sobre o presente objeto de estudo.

A partir do termo "espigão", encontrou-se, com auxílio da ferramenta de busca dos *websites*, diferentes quantidades de matérias para anos não consecutivos, de 2007 a 2015, as quais totalizam em 75[1]. Tais ocorrências estão organizadas conforme o quadro abaixo:

TABELA 1 – Ocorrências de Matérias de 2007 a 2015 no Jornal O Estado do Maranhão

ANO	OCORRÊNCIA DE MATÉRAIS
2007	5
2010	2
2011	21
2012	4
2013	14
2014	27
2015 (até o mês de abril)	2
TOTAL	**75**

Fonte: Elaboração própria com base nas informações do *site* do jornal.

[1] Levantamento realizado em 16 de abril de 2015.

Com base nos postulados teóricos, o *corpus* mencionado propiciou a análise do desenvolvimento do espigão enquanto atração turística.

4 O DESENVOLVIMENTO DO ESPIGÃO COSTEIRO ENQUANTO ATRAÇÃO TURÍSTICA

A Ponta d'Areia é um bairro nobre localizado na orla de São Luís, conhecido pelo grande número de hotéis, *flats*, bares, restaurantes e prédios residenciais caros. É lá onde se encontra a Península da Ponta d'Areia, o local que abriga o m² mais caro cidade. É nesta parte da capital onde também houve alguns contrastes, tais como o alto padrão residencial *versus* problemas com a erosão causada pelo avanço da maré rumo a algumas construções.

FIGURA 1: Ponto de Erosão Localizado a Sotamar do Espigão Costeiro, Extremidade Oeste da Praia da Ponta d´Areia, em Frente ao Corpo de Bombeiros

Fonte: Azevedo, 2012.

FIGURA 2: Ponto de Erosão Localizado a Sotamar do Espigão Costeiro, Extremidade Oeste da Praia da Ponta d´Areia, em Frente ao Corpo de Bombeiros

Fonte: Gilberto Leda, 2011.

Próximo a essa área, havia ainda o assoreamento dos rios Anil e Bacanga que poderia comprometer a navegabilidade do porto de São Luís. Diante dessa situação preocupante, a Companhia Vale do Rio Doce (hoje somente VALE) custeou e apresentou para a Prefeitura de São Luís em 2007 um documento intitulado "Estudo da Evolução Morfológica da Embocadura Estuarina de São Luís". A construção de um espigão costeiro, com 600 m de comprimento e orçada entre R$16 e R$18 milhões, seria a solução mais adequada para conter a erosão e, sobretudo, reduzir o assoreamento (O ESTADO DO MARANHÃO, 2007b).

A matéria intitulada "Benefícios do espigão costeiro para o litoral", publicada em 21 de janeiro de 2007 pelo Jornal O Estado do Maranhão informa que tal obra promoveria diretamente "o controle do assoreamento dos rios Anil e Bacanga e a restauração da navegabilidade do porto de São Luís, por meio da melhoria da profundidade na embocadura do estuário (foz)". Como benefícios indiretos, coloca-se que o projeto contribuiria também para a valorização do turismo por conta do

alargamento da praia e a “implantação de uma marina e um ancoradouro no lado protegido do espigão”.

Em agosto de 2007, o prefeito apresentou o projeto à Capitania dos Portos do Maranhão, cujo orçamento já girava em R$ 33 milhões, dentre os quais R$ 20 milhões já haviam sido disponibilizados pelo Orçamento da União. O espigão seria, então, construído pela Prefeitura de São Luís, em parceria com a VALE (O ESTADO DO MARANHÃO, 2007c).

O governo do estado passou a ser o responsável pela execução do projeto desde o ano de 2010, pois, segundo a matéria “Governo assume construção do Espigão Costeiro”, a Prefeitura não conseguiu viabilizá-lo. Mais uma vez, verifica-se a oscilação entre o valor orçado. A partir daí, a obra teria duração de 120 dias sob um custo de R$ 12 milhões. Neste momento, os dados técnicos do projeto divulgados pelo Governo contemplavam: 572 metros de extensão total do espigão, 14 metros de altura até o fundo do mar, 1,40 metros de altura na superfície e um prazo de 17 anos para nova intervenção (O ESTADO DO MARANHÃO, 2010).

O então secretário de Estado da Infraestrutura do Maranhão, Max Barros, tomando frente do serviço, informou ao jornal O Estado do Maranhão que o espigão seria umas das principais obras da cidade e teria “múltiplas finalidades”.

> ‘A primeira finalidade é conter a erosão que ameaça os empreendimentos (prédios, principalmente) da Ponta d’Areia. A segunda é recompor a faixa de praia, que ao longo dos anos foi reduzida com o avanço da maré. E a terceira e mais importante finalidade seria ajudar a recompor o canal por onde as embarcações navegam. Esse canal está assoreado hoje’, explicou. (O ESTADO DO MARANHÃO, 2011a).

Em sua dissertação de mestrado, Azevedo (2012, p. 131) investigou os processos de erosão e assoreamento do local antes da implantação do espigão e afirma que “caso não houvesse ocorrido a revitalização da área, boa parte da infra-estrutura localizada na extremidade oeste da praia poderia estar comprometida”.

Conforme explica ainda Azevedo,

> Considerando os efeitos do assoreamento sobre a sustentabilidade ambiental, percebe-se considerável comprometimento do ponto de vista econômico, social e ambiental, prejudicando o comércio, transporte marítimo, causando desempregos, gerando doenças, comprometendo a

> biota aquática. As estimativas para os valores econômicos anuais dos recursos ambientais na foz indicaram custos na ordem de R$ 7.400.000,00. Já com relação à erosão, a principal conseqüência da ação desse processo, seriam as perdas de obras de infra-estrutura e moradia, tais como ruas, casa, apartamentos, hotéis, monumentos, o que geraria perdas na ordem de R$ 632.865.200,00. (AZEVEDO, 2012, p. 131).

A matéria "O Espigão Costeiro", publicada em 16 de abril de 2011, também em O Estado do Maranhão, coloca que é "uma obra sem maior valor estético", mas a sua importância reside na proteção que traria à Península da Ponta d'Areia contra a força da maré. No fim do texto, é acrescentado que o bairro possui sua representatividade para o turismo e o lazer. Entende-se que isso fora mencionado por conta da necessidade de se buscar meios para manter a integridade física dos empreendimentos turísticos e hoteleiros que por ali e próximos dali estão espalhados, mas não pela atratividade do espigão que começava a ser criado no início do ano de 2011.

Com o início da execução da obra, a matéria "Obras do espigão estão adiantadas", publicada em 2 de maio de 2011 no Jornal O Estado do Maranhão, chama a atenção para os primeiros visitantes curiosos que já consideravam o local como uma atração turística. É interessante como o espigão passa, desde então, a ser divulgado e visto como algo além de uma "muralha" essencial para impedir que maré destruísse ruas, avenidas, monumentos e edifícios da Ponta d'Areia a longo prazo. Logo, emerge uma ligeira atenção que se volta para o turismo: "Para a região da Península da Ponta d'Areia também **serão previstas obras de revitalização e urbanização**. O objetivo é atrair visitantes e turistas e, ainda, melhorar a qualidade de vida de quem mora nas proximidades" (D'EÇA, 2011, **grifo nosso**).

Devemos notar que nenhuma das referências iniciais feitas ao turismo apontava a ideia da urbanização e adequação da área para um espaço de lazer do morador e do visitante. Na verdade, a atividade turística fora mencionada, logo no início da idealização do projeto, por contemplar um fluxo de pessoas e mercadorias que chegavam ou saiam de São Luís, através do local em questão, com destino a outros municípios do estado. Outro apontamento feito é sobre a quantidade de meios de hospedagem e restaurantes no bairro da Ponta d'Areia e, principalmente, nas proximidades. Portanto, não é de se admirar que, enquanto uma das atividades

econômicas beneficiadas pela construção do espigão, o turismo estaria presente no discurso político e da mídia.

Adiante, um texto na Coluna do Sarney no dia 24 de julho de 2011, do mesmo jornal, acrescenta que "como efeito colateral teremos um novo ponto turístico" (O ESTADO DO MARANHÃO, 2011d). A ideia do espigão como a mais nova atração turística de São Luís passa a ser disseminada pelo governo e pela mídia. A partir disso é que o Governo do Estado pensou em explorar o local turisticamente, conforme se analisa o contexto e é dado implicitamente no seguinte trecho, numa matéria de 28 de julho de 2011: "Um projeto de urbanização da Ponta d'Areia **está em fase de elaboração** para que a região se transforme em uma nova atração turística de São Luís e outro ponto de lazer para os ludovicenses" (DEAN, 2011, **grifo nosso**).

Matérias versando sobre turismo, lazer e segurança dos frequentadores do espigão se torna comum em O Estado do Maranhão ao longo do ano de 2011. O jornal parece se mostrar surpreso ao informar que mesmo sem estrutura, segurança e equipamentos de lazer nesse local, os visitantes seguem frequentando.

Em 2013 e 2014, falar do "mais novo ponto turístico da cidade" foi comum, e as manchetes que demonstravam preocupação com a erosão e o assoreamento, passam a ser apenas informações complementares, não mais recebendo o destaque da mídia e do próprio governo. Mencionam-se alguns exemplos de matérias do jornal analisado, publicadas entre 2013 e 2014:

- "Espigão será transformado em cartão-postal e turístico do Maranhão', diz Luiz Fernando";
- "Mesmo antes de concluídas obras, espigão costeiro vira atração turística da cidade";
- "Opção de lazer e esporte, espigão se consolida como ponto turístico";
- "Música embala pôr do sol de visitantes no Espigão aos sábados";
- "Espigão Costeiro da Ponta d'Areia já é ponto turístico de São Luís";
- "Após entrega, espigão tem muitos visitantes no fim de semana";
- "Espigão Costeiro da Ponta d'Areia é aposta de agências de turismo".

As obras de urbanização, planejadas e executadas pelo governo estadual, tiveram início em março de 2013 e término em novembro de 2014. O trecho urbanizado da Península que totaliza, mais ou menos, dois quilômetros, custou aos cofres públicos do Maranhão R$ 32 milhões. A área inclui centro administrativo, espaços para lanchonetes, duas praças, bancos de madeira, calçadão para caminhada, ciclovia, quiosques para venda de água de coco e recuperação do Monumento Memorial Bandeira Tribuzi (futuro Centro Cultural) (BASTOS, 2014b).

As figuras 3 e 4, extraídas de manchetes do Jornal O Estado do Maranhão, permitem perceber como o lazer e o turismo ganham força para a motivação do projeto de urbanização do espigão.

FIGURA 3 – A Construção do Espigão Costeiro na Península da Ponta d'Areia em seu Primeiro Momento

Fonte: Jornal O Estado do Maranhão[2].

FIGURA 4 – O Lazer e o Turismo como Alvos do Projeto de Urbanização

Fonte: Jornal O Estado do Maranhão[3].

[2] Foto publicada no jornal O Estado do Maranhão e extraída do seguinte endereço eletrônico: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=101534115>. Acesso em: 25 abr. 2015.
[3] Foto publicada no jornal O Estado do Maranhão e extraída do seguinte endereço eletrônico: <http://gilbertoleda.com.br/2012/12/22/imagens-do-dia-espigao-trabalha-lentamente/>. Acesso em: 25 abr. 2015.

Para fins de classificação da área urbanizada do espigão costeiro como uma atração turística, é relevante atentar para os dois momentos do seu uso. De início, como visto, a obra surge com o propósito de conter o avanço do mar e aprimorar a navegabilidade. Por isso, neste momento, foi criada, mas não planejada com a intenção de atrair visitantes (SWARBROOKE, 1995 *apud* SANCHO, 2001).

Hoje, o cenário é outro. E é justamente a partir do incremento do objetivo de revitalização da área para usos do lazer e do turismo que pode ser classificada como um atrativo histórico-cultural e natural (BENI, 2001) ou criado e planejado com a intenção de atrair visitantes (SWARBROOKE, 1995 *apud* SANCHO, 2001), que atende também a interesses de acontecimentos programados (BENI, 2001) ou eventos especiais (SWARBROOKE, 1995 *apud* SANCHO, 2001) em seu espaço permanente de circulação gratuita, sob administração do poder público (LOHMANN e PANOSSO NETTO, 2012).

A atração que se analisa tem estado presente, cada vez mais, no mundo virtual. Já é possível encontrar centenas de fotos do espigão e de pessoas se divertindo através de uma busca rápida de imagens no Google (www.google.com.br).

FIGURA 5: O Espigão, os Moradores e os Turistas

Fonte: Zacheu Junior, TV Mirante.

FIGURA 6: Imagem do Pôr-do-sol Divulgada no Site Skyscrapercity

Fonte: Mahatma Djalma

Em meio as oitenta dicas do "que fazer" em São Luís de acordo com usuários do *website* do TripAdvisor[4], encontra-se o espigão nas opções "natureza e parques", "passeios e atividades" e "atividades ao ar livre". A atração em referência possui quatro fotos e 38 avaliações[5], sendo 16 excelentes, 20 muito boas e 2 razoáveis.

Presencialmente, o turismo no espigão vem sendo inserido por agências da seguinte forma:

> Agente de viagens da In Novar Agência de Viagens e Turismo Higo Alexandre afirmou que, ainda durante as obras, o Espigão Costeiro da Ponta d'Areia já chamava a atenção dos turistas, que demonstravam

[4] O endereço eletrônico do TripAdvisor (www.tripadvisor.com.br) oferece a seguinte explicação para a sua atuação no meio virtual: "TripAdvisor® é o maior site de viagens do mundo* e ajuda turistas a planejarem e reservarem a viagem perfeita. O TripAdvisor traz dicas confiáveis de viajantes e inúmeros recursos de planejamento, além de contar com links para as ferramentas de reserva que pesquisam centenas de sites para encontrar os melhores preços de hotéis. Os sites do TripAdvisor juntos formam a maior comunidade de viagens do mundo, com aproximadamente 315 milhões de visitantes por mês** e mais de 200 milhões de avaliações e opiniões, cobrindo mais de 4,5 milhões de acomodações, restaurantes e atrações. Os sites operam em 45 países em todo o mundo. O TripAdvisor também inclui o TripAdvisor for Business, um setor que se dedica a divulgar à indústria turística o acesso aos milhões de visitantes mensais do TripAdvisor".

[5] Levantamento realizado em 5 de Maio de 2015. Disponível em: <http://www.tripadvisor.com.br /Attractions-g673267-Activities-c57-Sao_Luis_State_of_Maranhao.html #TtD>.

> curiosidade em conhecer a área. Agora que ela foi entregue, as visitas ao local farão parte da programação pela agência para os visitantes. 'Queremos finalizar o city tour no Espigão, preferencialmente no horário do pôr do sol, para que os visitantes possam admirar a paisagem da área', disse.
> O gerente de vendas da Taguatur Turismo & Eventos comentou que a nova estrutura do Espigão permite a realização de eventos diversos, como exposições, e que, havendo atividades diversificadas no local, vai adaptar seu city tour para que os visitantes possam ir ao local. 'Em todo caso, independentemente da realização de atividades na área, estamos planejando fazer paradas de pelo menos 20 minutos no Espigão para que os turistas possam fazer fotos e conhecer a cidade de outra perspectiva', informou Alessandro Valentim.
> A Sea and Air Turismo também vai incluir o Espigão Costeiro da Ponta d'Areia no seu roteiro de visitação. Antes da inauguração, os guias que acompanhavam os turistas recepcionados pela agência já falavam sobre o local, que despertava a curiosidade dos visitantes. 'Estamos estudando a melhor forma de incluir o Espigão Costeiro em nossos passeios, já que ele desperta a curiosidade das pessoas', informou Isaías Pinheiro, agente de turismo. (O ESTADO DO MARANHÃO, 2014a).

O espaço da urbanização do espigão é propício para práticas de alguns esportes e de lazer. Até antes de sua construção, o local se caracterizava por sua pavimentação e sinalização precária, incluindo aí a área erosiva. Como não havia espaço para o lazer, os fluxos de visitantes, sobretudo turistas, eram menos frequentes e inexistentes em meses de baixa estação.

Marcelino *et al* (2007), concordando com Santini (1993), inferem que não haverá lazer se o espaço para sua prática for inexistente. Isso é verificado no caso do espigão costeiro (primeiro e único, até o momento) que passou a ser massivamente frequentado e divulgado por seus usuários através das redes sociais e pela mídia local após a urbanização da área.

Camargo (2010, p. 27), ao questionar "quais são as novas paisagens, ritmos e estilos de vida que se buscam no lazer turístico", responde que "é unânime: paisagens de sol, céu e água, ritmos opostos à rigidez do tempo de trabalho urbano". É disto que tratamos: da mais nova opção de lazer da cidade, do mais novo cartão postal (discurso da mídia local), da mais nova obra do governo estadual (discurso do governo). É um local onde há práticas de atividades físicas de lazer, nas palavras de Camargo,

> o desejo de exercitar-se fisicamente, de colocar-se em forma, é o denominador comum destas atividades, não obstante predomine, para alguns, o interesse estético do movimento no esporte e na ginástica-dança,

> ou na contemplação da natureza e das pessoas nas caminhadas. Para outros, há também um forte interesse associativo nessas atividades, na medida em que é difícil separar o interesse físico do desejo de estar com o grupo de amigos ou da paquera pura e simples. A caminhada é, ainda, para algumas pessoas, a busca da solidão, desde que não se trate de um isolamento socialmente imposto (CAMARGO, 2010, p. 21).

Verifica-se, de imediato, que essa atração trouxe revitalização para a área (LEASK, 2008) e desenvolveu-se na lógica da regeneração, cuja sequência gira em torno da localização → imaginário → mercado, segundo apontamentos de Wanhill (2008).

Moradores e turistas circulam nos mesmos espaços da área urbanizada que, de fato, se "transformou" em uma atração turística. Muitos buscam o contato com a natureza, a prática de esportes, participação em eventos musicais esporádicos, encontros, cenários para fotos de casamento, formatura e o que mais o imaginário pedir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisou-se, nesse artigo, como o espigão costeiro, localizado na Península da Ponta d'Areia, em São Luís do Maranhão, se desenvolveu enquanto atração turística.

O local em referência não é, para a capital, tampouco para o estado, uma "atração símbolo". Trata-se de uma das estratégias do governo estadual para diversificação da oferta de lazer turístico local, logo adotada por agências de turismo receptivo.

Quando o governo pensa em transformá-lo em um espaço de lazer, o turismo é associado de imediato e, desde então, a imagem do espigão, ou pelo menos a que a mídia tenta construir, é a de um espaço de lazer e turismo frequentado por moradores e turistas.

O espigão costeiro se desenvolveu, enquanto atração turística, a partir da lógica da regeneração (WANHILL, 2008). De início, a obra surge com o propósito de conter a erosão e aprimorar a navegabilidade de áreas próximas, mas ao perceber que o local poderia se tornar uma opção de lazer para a cidade, o governo provocou

no imaginário dos moradores e do *trade* turístico a ideia de que o espigão se tornaria o mais novo "ponto turístico" da capital. Assim, a partir do incremento do objetivo de revitalização para usos do lazer e do turismo, a área vem sendo reconhecida pela mídia, população e agências de turismo receptivo como uma atração.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, James Werllen de Jesus. **Assoreamento em Ambientes Costeiros e seus Efeitos sobre a Sustentabilidade**: Estudo de Caso da Embocadura Estuarina de São Luís-MA, 2012. 124 f. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade de Ecossistemas) – Departamento de Oceanografia e Limnologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís – Maranhão, 2012.

BENI, Mario Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. **O que é Lazer**. 3.ed. 4ª Reimp. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CHIAS, Josep. **Turismo, o Negócio da Felicidade**: Desenvolvimento e Marketing Turístico de Países, Regiões, Lugares e Cidades. Tradução de Sandra Valenzuela. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

COOPER, Chris *et al*. **Turismo**: Princípios e Práticas. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

DIAS, João M. Alveirinho. Glossário das Zonas Costeiras. **Revista de Gestão Costeira Integrada**. [s.p., s.d] Disponível em: <http://www.aprh.pt/rgci/glossario/esporao.html>. Acesso em: 5 mai. 2015.

LEASK, Anna. The Nature and Role of Visitor Attractions. In: FYALL, Alan *et al*. (Eds.). **Managing Visitor Attractions**: New Directions. 2.ed. Oxford: Elsevier, 2008.

LEDA, Gilberto. **Sinfra Depende de Licença da Marinha para Iniciar Espigão: Processo está Parado Rio de Janeiro**. 2011. Disponível em: <http://gilbertoleda.com.br/tag/espigao/>. Acesso em: 25 abr. 2015.

LOHMANN, Guilherme; PANOSSO NETTO, Alexandre. **Teoria do Turismo**: Conceitos, Modelos e Sistemas. São Paulo: Aleph, 2012.

MARCELLINO, Nelson Carvalho *et al*. **Espaços e Equipamentos de Lazer em Região Metropolitana:** O Caso da RMC – Região Metropolitana de Campinas. Curitiba, PR: OPUS, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**: Planejamento e Execução de Pesquisas, Amostragens e Técnicas de Pesquisa, Elaboração, Análise e Interpretação de Dados. 7.ed. 4ª Reimp. São Paulo: Atlas, 2011.

SANCHO, Amparo (Dir. e Red.). **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

SKYSCRAPER CITY. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1762347>. Acesso em: 5 mai. 2015.

TELES, Reinaldo Miranda de Sá. A Importância do Território na Prática do Planejamento Turístico: Reflexões acerca do Brasil. In: RUSCHMANN, Doris van de Meene; SOLHA, Karina Toledo (Org.). **Planejamento Turístico**. Barueri, SP: Manole, 2006.

Trip Advisor. **Turismo e Viagem para São Luís**. Disponível em: <http://www.tripadvisor.com.br/Tourism-g673267-Sao_Luis_State_of_Maranhao-Vacations.html>. Acesso em: 5 mai. 2015.

VEAL, Anthony. **Metodologia da Pesquisa em Lazer e Turismo**. Tradução de Gleice Guerra e Mariana Aldrigui. São Paulo: Aleph, 2011. (Série Turismo)

WANHILL, Stephen. Interpreting the Development of the Visitor Attraction Product. In: FYALL, Alan *et al*. (Eds.). **Managing Visitor Attractions**: New Directions. 2.ed. Oxford: Elsevier, 2008.

YÁZIGI, Eduardo. **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

- **Matérias do jornal O Estado do Maranhão em Ordem de Publicação:**

BENEFÍCIOS do Espigão Costeiro para o Litoral. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 21 jan. 2007a. Disponível em: http://imirante.globo.com/oestadoma/noticias/2007/01/21/beneficios-do-espigao-costeiro-para-o-litoral.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2015.

VALE Apresenta o Projeto de Espigão. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 23 jan. 2007b. Disponível em: <http://imirante.globo.com/oestadoma/noticias/2007/01/23/vale-apresenta-o-projeto-de-espigao.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2015.

PREFEITO Mostra Projeto do Espigão à Capitania. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 16 ago. 2007c. Disponível em: <http://imirante.globo.com/oestadoma/noticias/2007/08/16/prefeito-mostra-projeto-do-espigao-a-capitania.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2015.

GOVERNO Assume Construção do Espigão Costeiro. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 26 fev. 2010. Disponível em: <http://imirante.globo.com/oestadoma/noticias/2010/02/25/governo-assume-construcao-do-espigao-costeiro.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2015.

CONSTRUÇÃO de Espigão Começará neste Mês. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 05 abr. 2011a. Disponível em: <http://imirante.globo.com/oestadoma/noticias/2011/04/05/construcao-de-espigao-comecara-neste-mes.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2015.

O Espigão Costeiro. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 16 abr. 2011b. Disponível em: <http://imirante.globo.com/oestadoma/noticias/2011/04/16/o-espigao-costeiro.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2015.

D'EÇA, Thamirys. Obras do Espigão estão Adiantadas. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 02 maio 2011c. Disponível em: <http://imirante.globo.com/oestadoma/noticias/2011/05/02/obras-do-espigao-estao-adiantadas.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2015.

O Espigão da Ponta d'areia. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 24 maio 2011d. Disponível em: <http://imirante.globo.com/oestadoma/noticias/2011/07/24/o-espigao-da-ponta-da-areia.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2015.

DEAN, Jock. Espigão de Contenção Costeira ficará Pronto em até 10 dias. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 28 jul. 2011e. Disponível em: <http://imirante.globo.com/oestadoma/noticias/2011/07/28/espigao-de-contencao-costeira-ficara-pronto-em-ate-10-dias.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2015.

ESPIGÃO Costeiro da Ponta d'Areia é Aposta de Agências de Turismo. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 11 nov. 2014a. Disponível em: <http://imirante.globo.com/oestadoma/noticias/2014/11/11/espigao-costeiro-da-ponta-dareia-e-aposta-de-agencias-de-turismo.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2015.

BASTOS, Thiago. Roseana Entrega Urbanização do Espigão. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 08 nov. 2014b. Disponível em: <http://imirante.globo.com/oestadoma/noticias/2014/11/08/roseana-entrega-urbanizacao-do-espigao.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2015.